

F. de B.

POESIAS

1906

Estante do Escritor Goiano
SESC-GO

Estante do Escritor Goiano
SESC-GO

Tassa
1925

Doado por Maria José Mangabeira de Souza

1867 - 1886

POESIAS

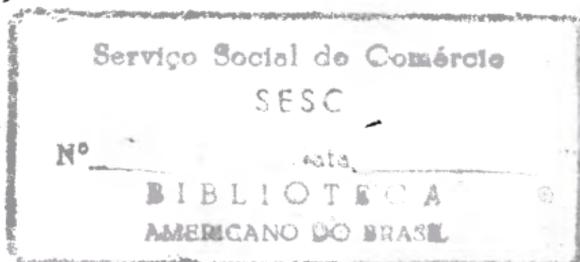
DO DESEMBARGADOR

FELIX DE BULHÕES



RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL

1906



Serviço Social do Comércio SESC

BIBLIOTECA AMERICANO
DO BRASIL
Estante do Escritor Goiano

Serviço Social do Comércio

Nº 4.950 | SC 09.3.92
~~00000~~ | ~~0000000000~~
BIBLIOTECA AMERICANO DO BRASIL



LI06202 001

Jardim, Antonio Felix de Bulhoes

Poesias

E6 869.0(817.3)-1 JAR/poe

Antonio Felix de Bulhões Jardim, filho legitimo de Ignacio Soares de Bulhões e de D. Antonia de Bulhões Jardim, nasceu em Goyaz, a 28 de Agosto de 1845.

Muito joven ainda, partiu para a cidade de S. Paulo, onde estudou humanidades e direito, concluindo a sua formatura em 1865.

Nesse mesmo anno voltou a Goyaz; e, nomeado promotor publico da capital, ahi preencheu tambem o lugar de professor de geographia e historia do Lyceu, sendo, pouco depois, eleito deputado á Assembléa legislativa provincial.

Em 1867 foi nomeado juiz de direito, cargo que desempenhou, primeiro, na comarca de Arraias, depois na de Santa Cruz e na de Jaraguá, e, mais tarde, na de Goyaz, de onde passou para a de S. João d'El-Rei, em Minas Geraes, aposentando-se, afinal, em 1885, com as honras de desembargador.

Deixando então a magistratura, voltou a lidar na politica e no jornalismo de sua terra. Não tardou, porém, que a morte o surpreendesse, no pleno vigor da idade! Falleceu, quando contava 41 annos, em 29 de Março de 1887.

Eis ahi, em breves traços, toda a sua vida. Magistrado — nas comarcas onde lhe coube administrar justiça, restam ainda as tradições de sua integridade e saber. Politico e jornalista — a sua palavra e a sua penna estiveram sempre ao serviço das mais nobres e generosas idéas, e os jornaes á cuja frente se achou (*Tribuna Livre, Libertador Goyano, Goyaz*, etc.) foram os órgãos fieis do seu acendrado patriotismo. Poeta, emfim — de tudo o que escreveu despretenciosamente, nos momentos de lazer (que não muitos lhe proporcionára a sua vida afanosa), aqui vae, nesta collecção intima, o pouco que se poude salvar de completo olvido.

E tão sómente á piedosa iniciativa de sua veneranda mãe, D. Antonia de Bulhões Jardim, é que se deve a publicação deste pequeno livro, destinado por certo a um circulo ainda mais pequeno, de bons e verdadeiros amigos.



POESIAS



A VIDA HUMANA

... é um mar que embala e que espedaça...
A' tona fulge a luz, no fundo é noite escura;
luta em baixo febril a turba da desgraça,
folga em cima feliz a turba da ventura.

A que luta na sombra é fraca, mas espera;
a que se embala ao sol é forte, mas descansa;
sonha a de cima erguer-se á mais brilhante esfera,
busca a de baixo erguer-se á lucida bonança.



Vêde agora a batalha : a forte se enfraquece
nos ocios da opulencia; a fraca se avigora
no trabalho e na fé : triumphá quem trabalha.

Vencida pela sombra, a enfraquecida desce;
sobe da noite ao dia a outra, vencedora.
Sempre assisti de longe á tragica batalha.

Côrte $\frac{v}{1885}$. *Companhia de t. t. vi. a. g. e. m. d. e.*



RECITADA E DEDICADA A D. JOAQUIM, BISPO DE GOYAZ,
POR D. JOSEPHINA DE BULHÕES, POR OCCASIÃO DAS FESTAS E DISTRIBUIÇÃO
DOS PREMIOS NO MEZ DE MARIA

Ave, pastor sagrado! as filhas tuas,
Unindo em minha voz as vozes suas,
Vêm saudar-te em um cantico de amor!

Tu, que és mestre no mundo e pai no templo,
Que ensinas a virtude, e és d'ella o exemplo,
Ave, pai!... Ave, mestre!... Ave, pastor!...

Das aras sacrosantas de Maria,
Onde de nossas almas foste o guia,
Caíam mil bençãos sobre o solio teu!

Sim, mil graças a ti, que o broto impuro
Crestando em nós, implantas o futuro
Nas severas lições, que o Christo deu.

Sim, mil graças a tí, que redivivos
O amor do estudo e os nobres incentivos
Conseguiste evocar da ignara infancia!

Ella te rende gratidão immensa
E, na sua effusão férvida, intensa,
O nome glorifica-te e a constancia.

Ave, ainda uma vez, pastor sagrado,
Sejas, por longos annos, conservado
Entre as mansas ovelhas do Senhor.



HYMNO

PARA SER CANTADO EM ACÇÃO DE GRAÇAS, PELA FELIZ CHEGADA
DE S. EX. REVMA. O SR. D. JOAQUIM G. DE AZEVEDO

Mil graças te damos,
Oh! Virgem Maria;
Ao lar que habitamos,
Tornaste a alegria.

Oh! sim, a teu povo,
Pastor, sê bemvindo;
De jubilo novo
Noss'alma expandindo.

Rompeste, bem longe,
Desertos invíos,
Paragens que o monge
Conquista aos gentios;

E o dorso empolado
De trêdas correntes;
E o mar eriçado
De fragas frementes.

Por entre inimigos
E affrontas de morte,
Venceste os perigos
Do sul e do norte.

E lá, tão distante,
Que foste buscar?
Do povo constante
O bem preparar.

Mil graças, de novo,
Te damos, Maria;
Ao lar de teu povo
Tornaste a alegria!



AO REVM. BISPO D. JOAQUIM DE AZEVEDO MAIA,
POR OCCASIÃO DA FESTA E DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS
NO MEZ DE MARIA

Porque vejo nesta sala
Tantas familias unidas?
Porque estas vestes de gala,
Estas corôas floridas?

Porque n'austera morada
Do pastor espiritual,
Tanta gente agglomerada
Traja em pompa festival?

Porque tão viva e gentil
A natureza se ostenta?
E este céu de puro anil
Que ao nosso olhar se apresenta?

Porque mais fulgido raio
Dardeja o astro do dia?
São os sorrisos de Maio,
São as pompas de Maria.

Meninas, são nossas festas
Em que todos exultamos;
Pompas bem nossas são estas,
Com que a nossa Mãe honramos.

E quem é que inda tão cedo
Nos chama e aqui nos conduz?
E' D. Joaquim d'Azevedo
Que d'alma nos mostra a luz.

Cantemos, pois... a Maria
Exaltemos nossas almas;
E' nossa a festa, a alegria!
De D. Joaquim são as palmas.



ROSARIO

PARA SER CANTADO PELO CÔRO DAS MENINAS
NA FESTA DE N. S. DO ROSARIO

N'outro tempo, em finas c'rôas,
entrelaçavam-se as rosas
odorosas
de fresco e lindo vergel;
e ás tuas plantas, Maria,
como offrendas, esparzia
constricta a turba fiel.

Cantemos, louvemos
as c'rôas mimosas
tecidas de rosas
do ameno vergel!

Conta a historia que assim era
a dilecta devoção
dos de então :
Perfume, pureza e amor!...
— Era o culto em poesia!...

Rosas aos pés de Maria
e rescendente thuribulo
em cada flor.

Cantemos, louvemos
de nossos maiores
as crenças melhores,
o puro fervôr!

Hoje, porém, mais perfeita
composta das rosas d'alma,
doce palma
melhor honra te faria;
e em vez de c'rôas de flôres,
outras de hymnos e louvores
beijam-te as plantas, Maria.

Goyaz — 1869.



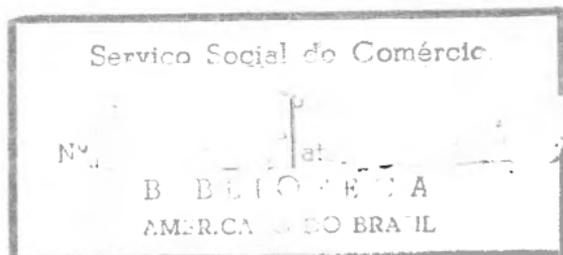
PRESAGIO

Não sei que funesto agoiro
Constrange o meu coração...
Talvez que, mui breve, a campa
Seja a minha habitação.

Talvez que a foice da morte
P'ra sempre me quebre a lyra;
Talvez... não sei o que sinto,
Meu peito geme e suspira.

Morrer qu'importa, si a morte
Traz allivio ás nossas dóres,
Si com ella têm um termo
Nossos crueis dissabores?

Morrer, qu'importa, inda moço,
Da idade inda no frescor?
Assim, mal desabrochada.
Em silencio, morre a flor.



TRES DE ABRIL

À JOSEFINA

Mais um anno passou! Mais uma gôta
Da serena ampulheta de teus dias
Na voragem do tempo descambou!
Da quadra juvenil mais uma nota
Repassada de alegres harmonias
No infinito afundou!

Vê o teu sol de Abril! Enthronizado
Monarcha da amplidão, do róseo oriente
Envia-te os seus raios festivaes!
Já vinte primaveras tem contado,
E a vigesima aurora, — resplendente
Saúda uma vez mais!

Quanta saudade lá não vai d'envolta
Nas paginas volvidas por teu astro
Das vinte primaveras que contou?
Ai! quanto riso foi, que já não volta,
Quanta illusão não se protrae de rastro
Nas folhas que dobrou?

Volvam, volvam teus annos!... Sôrva embora
 A successão fatal — risos da infancia,
 Rosadas illusões, fagueiros sonhos!
 Deixa-os, deixa-os correr, que em cada aurora
 Nova mêsse virá, nova abundancia
 D'outros tambem risonhos!

Deixa-os, deixa-os correr! Vasta seára
 De muito amor e placidas venturas,
 Eis o rico legado que ficou!
 A corrente da vida nunca pára,
 Mas guarda o viajor as flôres puras
 Que das margens ceifou!...

Goyaz, 3 de Abril de 1878.



Service		SE	
N.º	4.950	Data	9 03 92
B I B		A	
AMPE		DO BR IL	

ACROSTICO

SOBRE O TUMULO DE VASCO DE SOUSA

<oa, creança, para o céu sem termos,
 >quelles ermos que só Deus povoa,
 &e te foi, nesta vida, occaso a aurora,
 Ocreança, agora ao paraiso vôa.
 O berço e a campa, a madrugada e a morte :
 De tua sorte toda a historia é isto.
 Esquece o nada do viver terreno :
 Surge sereno na mansão de Christo.
 Oh! mas se além, no céu, na eternidade,
 Uma saudade inda d'aqui se encerra,
 Seja ella consagrada, alma bemdita,
 > mãe afflicta que ficou na terra.



NO TEU NATALICIO

Quizera, ó filha, cá do meu desterro,
Da funda solidão em que me encerro,
 Inda cantar teus annos;
Quizera despertar á musa altiva
 Accentos soberanos;
Arrancar-lhe o cantar da patativa,
Uma nota ridente e pura e viva
Como o fulgido raio de teu sol
 N'aurora e no arrebol;
Um canto ingenuo, limpido e suave
 De tal suavidade,
Que aos teus ouvidos fosse um trino d'ave
Para dulcificar tua saudade.

Quizera entrelaçar na estrophe amena
 Luz, harmonia e aroma;
Pedir do mangueiral á espessa côma
Repercussão dulcissima e serena
Do sussurro das auras matutinas;
Pelos jardins — ás rosas purpurinas
 Roubar perfume e côr;

Do quanto a natureza nos fornece
Formar um todo — em que te offerecesse
Aromas e harmonia, luz e amôr.

Mas ai! filha, que a lyra
De ha muito já não canta : geme e chora.
Peço-lhe uma canção — ella suspira.
Quero agora cantar — soluça agora.
O meu pobre jardim está tão pobre...
Tão pobre que faz dó :
Busco uma rosa em vão, só se descobre
Saudade... saudade só.

Este raio de sol tão claro e vivo,
Que me está afagando,
Alegria dos mais, p'ra mim, captivo.
Vai-se em melancolia transformando.

Queria mandar-te um canto,
A lyra m'ò recusou,
Vai uma gôttá de pranto,
Que a saudade me arrancou.



SÓ

Parei! — chegado havia ao cimo da montanha
Asperrima e tamanha —
O sol morria além!
Parei; sentei-me á beira do caminho,
Sentei-me alli sósinho,
Eu só, sem mais ninguém.

Olhei atraz e avante. — Os largos horizontes
Debruçam-se nos montes.
E longes, por além,
De branco e azul e fogo e purpura toucados,
Diziam contristados :
„ Tu só sem mais ninguém “.

Percorro o estádio feito em um só lance d'olhos
Sem contar os abrolhos,
E muito, muito além
Nas veigas serpeava o trilho venturoso
Que eu correra ditoso,
E só, sem mais ninguém.

Atraz deixava o prado, a vida, a flôr, o aroma,
E o doce amor que assoma
Na juventude. Além,
Além a nevoa densa, a duvida insegura,
Além a bruma escura,
Eu só, sem mais ninguém.

Avante a escarpa está de crua descambada,
Precipite e eriçada,
Um passo mais além,
Eu vou com passo firme, e resoluto e certo
Para o eterno deserto,
Eu só, sem mais ninguém.

Goyaz — 1885.



HYMNO ABOLICIONISTA

Eia! exulta, a clamar liberdade
Quem há pouco dobrava a cerviz!
Vão quebrar-se da lei na egualdade
Os grilhões de uma raça infeliz.

De Aristides ao grito accordada
Ella a triste cabeça elevou;
E o clamor de uma nova cruzada
Pelos vastos sertões retumbou.

CÔRO

Eia! exulta, etc.

No formoso horizonte goyano,
Retocado de côres gentis
O cruel privilegio inhumano
Terminou. Já não ha mais servis.

CÔRO

Eia! exulta, etc.

O passado sepulte-se escuro
Ante a aurora que rosea brilhou :
Rio Branco liberta o futuro
O presente elle aqui libertou.

CÔRO

Eia! exulta, etc.



HYMNO

Já desponta no horizonte
A aurora da redempção,
Lava, escravo, dessa fronte
O labéo da escravidão.
Sim, ergue a fronte! nos ares
Resôa um hymno festivo...
Filhos de Adão, somos pares,
Rompe-se o ferro ao captivo.
Lava, escravo, dessa fronte
O labéo da escravidão;
Já desponta no horizonte
A aurora da redempção.
O Anjo da liberdade
Inunda o espaço de luz,
E a todos para a igualdade,
Seu facho immenso conduz.



AO REVM. BISPO D. JOAQUIM DE AZEVEDO

Pastor, as minhas expressões singelas,
Não são d'aquellas que o primor enfeita ;
São filhas d'alma, sem belleza e nuas
Porém são tuas, e assim, pois, aceita.
Que valem ellas? — gratidão fervente :
Dizem sómente o que aninhei no peito.
Eil-as ; offerto-te, infantil mas pura
Trova segura de sincero preito.



SAUDADE E LEMBRANÇA

A JOSEFINA

„ Lembrança e saudade “! — mandaste-me, ó filha,
Na branca rendinha
De linho de França;
Do linho de França não faço os encantos,
Mas torno-te em cantos
„ Saudade e lembrança “.

„ Lembrança e saudade “! Que móto formoso
Do crivo mimoso
Passado na trança!
Na trança tão alva da fronha bordada,
Na fronha gravada
„ Saudade e lembrança “!

„ Lembrança e saudade “! Saudade das éras,
Gentis primavéras
Da flebil criança!
Crianças — lembremos a nossa vidinha,
Do encanto que tinha
„ Saudade e lembrança “!



„Lembrança e saudade“! foi nota sentida
De um'alma querida
Que a ausencia não cansa.
Descansa, que a ausencia, que as almas corrompe,
N'est'alma não rompe
„Saudade e lembrança“!

Jaraguá, 15 de Novembro de 1876.

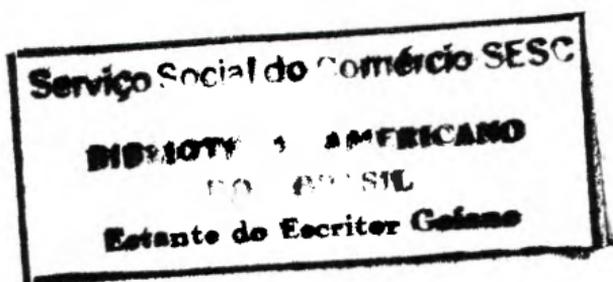


O RELOGIO DA CASA

(IMITAÇÃO DE LONGFELLOW)

Alli está, de ha muito, — extatico, sombrio,
ativo, calmo, frio,
alli atraz da porta, ha (creio) quarent'annos.
Passou e foi-se o tempo... o tempo mudou tudo,
mas elle alli ficou. — Teimoso, carrancudo,
nos seus órgãos fieis, do tempo soberanos, —
foi repetindo sempre e sempre o seu rifão :
Sim... não, sim... não, sim... não.

Era eu criança ainda. — A vida começava,
ria, tumultuava...
No velho lar paterno, enxame de crianças,
— garrula multidão de alegres esperanças —
era um festivo albor de nova geração.
Já elle estava alli. — Pregado na parede,
a nossa vida, gotta a gotta conta e mede
e vai dizendo sempre e sempre o seu rifão :
Sim... não, sim... não, sim... não.



A nova geração cresceu... cresceu... cresceu
e cresci tambem eu.

Um dia descobri que tinha um coração...
— cousa muito vulgar, que então me sorprehendeu.

Em cima puz-lhe a mão :
batia e palpitava . — A pendula constante
respondia ao pulsar da viscera incessante...
mas repetindo sempre e sempre o seu rifão :
Sim... não, sim... não, sim... não.

Uma vez, era o lar que em gala se arreiava...

Alguem lá se casava :
era um dia feliz de risos e de festas.
E outras nupcias depois vieram como estas.
Elle, alli no seu canto, immovel testemunha,
o martello fatal e a campainha empunha,
e, em doze vibrações sonoras, advertia
„ que tudo vae passando em fria successão,
a dôr como a alegria...
um dia se afundou... além vem outro dia! “
E assim dizia sempre e sempre o seu rifão :
Sim... não, sim... não, sim... não.

Depois a scena inversa. — A casa era fechada
e a camara enlutada.

Lagrimas dentro e dó, — o pranto alli corria
sobre os restos mortaes do que ha pouco vivia ;

só elle, no seu canto, indifferente ao luto,
 extatico a vibrar os mesmos sons pausados
 que pareciam ser uns dobres a finados,
 e repetindo sempre e sempre o seu rifão :
 Sim... não, sim... não, sim... não.

Assim resta elle só, impassivel, sombrio,
 ativo, calmo, frio;
 alli n'aquelle canto, ha (creio) quarent'annos...
 O tempo vai voando... o tempo muda tudo :
 mas elle fica alli. — Teimoso, carrancudo,
 nos seus órgãos fataes, do tempo soberanos,
 e sempre a repetir seu eterno rifão :
 Sim... não, sim... não, sim... não.

Goyaz, Abril de 1885.



No 10º anniversario da Morte de Fr. de Sales o "Goyaz"
 publicou o Relato de Cas. augmentado de referente
 e tropho do professor de Latin - Raphael Barros -
 registrando o facto do desconcerto do relógio -
 Mas quando, ha um Anno, um novo Caso deu-se
 de morte e entristeceu-se
 a Casa e a mesma sala de Crepe atarion-se...
 O Velho medidor de tempo ficou mudo...
 Calou-se o seu vibrar, e comparado tudo.
 Por um fatal acaso a machina transformou-se!
 E até hoje nunca se ouvio o seu rifão:
 Sim não, sim... não, sim... não!
 29-III-1888

NO LAGO

O lago era risonho e alegre a tarde...
O sol, que já não arde, inda illumina
O dorso da collina verdejante,
Que ostenta os cambiantes da esmeralda
E do oiro. Alli na fralda a onda anceia
Sobre a limpida areia, enquanto a brisa
O azul espelho frisa, e, doida e andeja,
No matto rumoreja.

O lago era risonho. — Uma barquinha
Leve e delgada, azinha se embalança
E sobre a escuma avança a erguida prôa
Que fende a escuma átôa, sem roteiro...
Vão dentro o gondoleiro descuidoso
E mais um par ditoso...

Ao longe, ao largo,
Sobre o elemento amargo, enquanto a brisa
A onda encrespa e frisa; e alegre a tarde
O sol que já não arde...

E a barquinha lá vae por entre a escuma
Que o remo corta, e apruma a erguida prôa,

Ao largo, ao longe... átôa. — O gondoleiro
 Sereno, sobranceiro, escuta e sonda
 O crepitar da onda, e olha o horizonte
 Lá por cima do monte. — O par ditoso
 Deslembra, descuidoso, um n'outro immerso,
 O resto do universo... E a vaga aneia
 Sobre a limpida areia.

E vem a noite negra e a branca lua...
 E a barquinha fluctúa, á sorte a prôa,
 Ao largo... ao longe átôa... sem roteiro.
 E dorme o gondoleiro... e o par ditoso,
 No extasi amoroso, um n'outro immerso,
 Se esquece do universo... enquanto a brisa
 A onda encrespa e frisa, e, doida e andeja,
 No matto rumoreja.

Goyaz, Junho de 1885.

*O título era "No Lago do amor"
 e o original*



AGOSTO

A FLORIANO FLORAMBEL

Espesso, a enovelar-se, fumo da queimada
em manto côr de cinza envolve a serraia.
Do sob a gaze escura irrompe o rei do dia
fulgente como brasa enorme entreapagada.

Epileptica, doida, em rigida lufada,
pelos morros além braveja a ventania,
e das sarças lambendo a rabida ardentia
em um banho de fogo ulúla desvairada:

Depois, rasgando a cinza e o solo carbonado,
verdejam rebentões os montes e a planura
e vem depois da flôr o fructo cubiçado.

E da primeira chuva á medida frescura,
rejuvenesce e ri-se (é isto lei do fado)
— a eterna Salamandra — a provida natura.



SARA ODONOR

No faustoso solar de Canalheilles
reina a consternação : — murchou-se o riso
nos desbotados labios de Odonor.
Como a flôr açoitada do graniso,
pende-lhe a fronte ao peito. — Surda dôr
se atraíçôa no olhar triste, doído,
— de agras melancolias confrangido,
que vaga e nada vê no campo em flôr.

O solícito esposo, o velho conde,
a occulta causa em vão sonda e procura
da tamanha tristura.
— O que tens, filha?... — Nada, ella responde.
E no fundo scismar de novo cáe,
como alma que esborôa, ou que se esváe.

O conde diz por fim.
— E' ingleza... será talvez *spleen*...

E partiram... A's praias de Sorrento,
ao claro sol de Napoles festivo,

embalde demandaram novo alento,
e áquella dor cauterio ou lenitivo.
Correram de cidades em cidades :
Era Florença um campo de saudades,
Roma era sem grandeza.

Tudo era inutil, tudo;
para Odonor o mundo estava mudo.
Longe seu grande espirito erradio
esvoaçava. . andorinha desvairada,
talvez buscando o mastro de um navio,
onde folego achasse, de cansada.
Sobre o Mediterraneo crespo, extenso,
sua alma desatava o vôo immenso
as algerianas plagas demandando.
Lá, ao frescôr dos laranjaes de Oran,
ella entrevia Branca soluçando
phrases de amor ás brisas da manhã...
E ella... e Sara, a abandonada amante,
devóra a angustia, instante por instante!
De tanto... tanto amor ficou por palma
fome no coração e a noite n'alma!

E então sua alma transformada em féra
abafava um rugido de panthéra.

Como a funérea lapide do tumulo
sella p'ra sempre a cessação da vida,
assim, porque essa dor tocasse ao cumulo,
tranca o pudor o labio á desvalida.
Ai!... saudade do amor que o peito opprime,
do amor, que foi ventura, embora crime...
Ai!... o roaz ciume cruciante,
tôrvo, abafado n'alma agonisante...
ai! tudo afoga em si!...

... e diz-lhe o conde :
— Que sentes, filha?... — Nada, ella responde.

Um anno assim se foi, inteiro um anno,
sem riso, sem lampejo de bonança.
Como ancora perdida no oceano,
um raio brilha ainda... o da esperanza.
— Pedro me esquecerá?
ah! impossivel!... elle voltará?

Oh! doce fibra intima da vida,
essa, que a vida esmaga, si partida!

Era por uma tarde amena e clara,
cheia de sol, de zephyros, de aroma;
debruçada á janella scisma Sara
o parque contemplando...

... Ao parque assoma

um gentil cavalheiro.

Vem de mui longe e diz ser mensageiro
de uma missiva endereçada ao conde.

— Da parte de quem é?... e veio de onde?

— Carta de dona Branca e vem da Algeria.

Ao nome da rival incha-lhe a arteria
o sangue em borbotões; — arfa, estremece,
apressa os passos e as escadas desce.

Era p'ra triste Sara o ultimo baque :

— Branca um filho já tem de Severac.

Perpassam-lhe ante os olhos, por instantes,
nuvens... deslumbramentos.

Sente estalar nos seios offegantes
o estrondo atroz dos desmoronamentos.

Cambaléa, vacilla, alguns momentos...

Tremulo o labio balbucia um nome,
e ella nas aleas do jardim se some.

.....
.....

O conde, horas depois, sentindo a falta
de Sara no salão,

com torva idéa que a afflicção lhe exalta,

sae pelo parque a procural-a em vão.
Da areia do caminho no alvo lastro
segue trilhando o pequenino rastro :
e vae... e vae... até que chega ao lago,
preso de máo agoiro e terror vago...

E na areia da praia, humida e fina,
duas pegadas fundas de botina
indicavam que a triste se deteve
 alli momento breve.
Offertara, talvez, no extremo adeus,
seu puro e nobre coração a Deus!
Saudou talvez o sol que do poente
um raio lhe enviava, doce e quente!..
Teve... oh! de certo!... no horrido momento
ainda para o ingrato um pensamento!..
— Pedro!... gemeu; — e ao zephyro que corre,
 ella confia, inteiro,
um longo... um longo beijo, — o derradeiro
de alma que amou, de coração que morre!..

E á torva, horrivel mansidão das aguas
 Entregou suas maguas!

Goyaz, Julho de 1885.



(HEINE)

Ha mil milhares de annos que as estrellas
Se libram longe, na siderea altura,
E se olham com amor ;
Conversam entre si cousas mui bellas,
N'uma lingua de luz magica e pura,
Entre enleios de angelico pudor.
Ai!... querida, ensinaste-m'o por pratica,
Teus olhos me serviram de grammatica.

.....
.....

Não me amavas e ainda não me amas,
E nunca me has de amar, oh! bem o sei;
Mas deixa em teu olhar prender meus olhos,
E então ver-me-ás contente como um rei.

Tu me vaes odiar : tu já me odeias :
Sou pela tua bocca fulminado :
Mas deixa-me beijar te a rosea bocca...
Ficarei do teu odio consolado.

.....
.....
Não jures, não, querida, abraça-me sómente;
Nos juramentos teus de ha muito já não creio;
Doce é tua palavra, e ella, entretanto, mente;
Dá-me gosos de amor... os gosos de teu seio
Mas sem nada jurar : amor não jures, não;
Doce é tua palavra, oh! sim, mas sopro vão.
Ah! não!... sou eu que minto! e tu jámais, ó bella!
Jura-me e eu creio em ti; dize que me amas, diz...
Déste-me corpo já, tu'alma me revela,
E eu crer-me-ei na terra o ente mais feliz!...
Crerei que me has de amar, oh! sim, ventura infinda!
Por toda a eternidade e por mais tempo ainda.

.....
.....

Lá quando, ó meu amor, no tumulo sombrio
Teu labio se tornar livido, inerte e frio,
 Osculado da morte;
Eu tambem descerei á lugubre morada
E a mim t'enlaçarei, tu branca, tu gelada,
 Minh'eterna consorte!

Méia noite soou : as lapides se rompem
Os mortos se erguem já aos bandos e prorompem
Em dansas nebulosas :
Nós ficaremos sós no páramo profundo,
Esquecidos do céo, do inferno e deste mundo,
Nas campas tenebrosas!

Troam de Jerichó as trompas desabridas,
Chamando as gerações no pó adormecidas,
Ao juizo final!...
Oh! não te inquietes, não; no fosso ficaremos;
Erguem-se os mortos... vão... mas nós esperaremos
A chamma universal!...

Goyaz — 1867.



SAUDADES

Não roce os lábios meus nem mais um riso
Meu terno coração ralai saudades!

BOCAGE.

Mimosa estrella d'alva matutina
 lembra o teu despertar;
e as fugitivas auras vão levando
 teu derradeiro sonho.
Qual, pelo pejo, a rosa primitiva,
córas ao beijo tímido e furtivo
 do levantar do dia!
E' sempre a tua imagem que povôa
 o ermo de minha alma.
Si no mar alto envolto na tormenta
vejo a morte rolar em torva espuma,
tu passas como o anjo da esperança
 ou Santelmo de luz.
Ao contemplar a tarde que descamba
 nos roxos horizontes,
a grande estrophe desce das espheras
rociada de pranto, a despedir-se
 em triste e longo adeus —
Outro mais grato o nosso adeus recorda
 que o coração estalla.
Tal sente a rosa que colhi tão virgem

Tal sinto o espinho que me rasga o peito!
A' fresca sombra, no calmoso estio,
languidas horas passo recordando,
 lembrando-me de tudo!

De tudo, sim, meu Deus! as vezes, louco,
lascivo pensamento aos céos insulta.

 Por fatal ambição,
arrancou-me o impossivel dos altares
teu véo de roxos lyrios pouco aváro!

Goyaz — 1869.



OS SEXAGENARIOS

A A. VILLARIM

Sol de Setembro, ó sol da liberdade
esconde a tua face em crepe escuro :
que o torvo captiveiro, aspero e duro
torna o teu nobre grito em falsidade.

„Independencia ou morte“... era verdade
tua promessa aos filhos do futuro :
mas veio do egoismo o animo impuro
conspurar o teu brilho e claridade.

O' Christo, pai dos fracos e dos pobres,
si lá do throno ethereo onde repousas,
as miserias do mundo inda descobres :

vê que, mentindo ás tuas lições nobres,
christãos a outros possuem como cousas,
e ao velho escravo negam livres lousas.



A ESPHINGE

(H. HEINE)

Eis a antiga floresta dos encantos!...
Aqui só se respira a alma das flôres!...
O coração transborda de delicias,
Da lua embevecido nos pallores.

Fui penetrando além... suave e doce
Esvoaça um rumor nos olivares...
Ai!... é um rouxinol cantando amores,
Com suspiros de amor pejando os ares.

Descanta seu amor e suas maguas!
Chora e ri simultaneo o passarinho;
Tão triste brinca e alegre se lamenta,
Que os meus sonhos accordam de mansinho.

Eu caminhava... caminhava sempre...
Ante mim, no interior de uma clareira,
Um enorme castello alçou sombrio,
Sua fachada gothica, altaneira!

Está tudo fechado : tudo, em roda,
Traz um cunho de luto e de tristeza:
E dir-se-ia que a morte taciturna
E' deste alcácer funebre a princeza!

Ha uma esphinge colossal á porta,
Duplo symbolo d'anjo e Lucifér!
Ella tem do leão o corpo e as garras,
Tem a cabeça e os seios de mulher!

Que formosa mulher!... olhar de fogo
Em selvagem volupia arde e flammeja!
No sorrir de seus labios arqueados
O vulcão dos amores relampeja!

O doce rouxinol cantava ainda...
Não sei que foi de mim... não resisti...
E, dado um beijo na mulher de pedra,
De encantada visão preso me vi!

A figura de marmore animou-se
Tremem-lhe os seios em lascivo arquejo!
E ella sorveu voraz, a longos tragos,
Toda chamma de amor que ia em meu beijo.

Ella aspirou-me quasi o alento extremo...
E, inda ardendo em volupia, inda offegando
N'um abraço final meu pobre corpo
Co'as garras de leão foi lacerando.

Martyrio de delicias, gozo amargo
Doce soffrer, venturas aziagas!...
Emquanto a bocca me inebria aos beijos,
Vão me fazendo as garras crueis chagas!

E o rouxinol cantava : „ Extranha esphinge,
Que és symbolo do amor, porque misturas
Dores mortaes, cruentas agonias
A's tuas sempre rapidas venturas!“



A MINHA MÃE

Não sei porque, se canto a piedade,
Se canto o amor, a luz, o céo e a vida,
Encontro a rima com facilidade,
Trabalho o verso bem, sem grande lida.

No emtanto até agora a enfebrécida
Mente revolvo e canso afadigado,
Sem conseguir um só verso inspirado
Para dar-te um soneto, ó mãe querida!

E por ti sou poeta e a ti sómente
Devo este engenho rustico e modesto,
Que guardo n'alma, que me adorna a mente.

Mas tambem é tão grande o meu affecto,
Oh! minha doce mãe, que, é manifesto,
Não pederei cantal-o n'um soneto.

Maio — 1885.



F. DE BULHÕES

● MEU VIOLÃO

Quando da crua lida na fadiga
Descanso peço á rêde e ahi me espicho,
E' meu maior prazer e meu capricho
Espichar-te por cima da barriga.

Comtigo travo prosa doce, e amiga
Palestra, á meia voz, quasi cochicho
E toda a minha magoa escorropicho
Em teu seio chorão de pau de riga.

E vamos arranhando muita asneira,
Com ar de cançoneta italiana,
Ou de franceza musica faceira.

Mas como não pescamos da germana,
Entra logo o lundú „puxa-fieira“,
E acabamos cantando o *quero mana*.



O GOYANO DA GEMMA

O goyano da gemma, o da cidade
é sempre ou quasi sempre bom sujeito,
para trabalho sério — pouco geito;
para a intriga — bastante habilidade.

Se não tem que fazer, por caridade,
tósá na vida alheia sem respeito;
e acredita estar muito em seu direito
apoquentar assim a humanidade.

Se vae dar-te uma prosa, por brinquedo,
arruma-te um *cacête*, que te pisa,
qual se fôra de ferro ou de rochedo,

e, cousa que aborrece e encolerisa,
visita a gente de manhã bem cedo,
quando se está em fralda de camisa.



O VELHO CANDIEIRO DE LATÃO

De onde veio não sei, ninguém o sabe, não;
si nasceu na Suécia, em Glasgow, em Milão,
eu nunca averigui.

Mas naturalisou-se aqui, não sei ao certo em que anno
e o que se sabe ao certo é que se fez goyano.
Já aqui o encontrei.

Ha mais de um sec'lo já — a tradição me ensina,
na familia casou com dona lamparina,
dama de bom crystal;
e soffreu da viuvez os asperos revézes,
cem vezes enviuvou, casou-se outras cem vezes :
— noivas de nome igual.

De nós todos se fez leal, constante amigo,
companheiro na dor, no riso, no perigo,
desde que aqui chegou;
Modesto no prazer, na angustia valoroso,
rastreia da familia o signo duvidoso...
dizia-o meu avô.

Quando, ao anoitecer, o grande olhar do dia
nas dobras do Occidente a palpebra embacia,
despertam elle e a esposa...
... Elle olha para baixo, ella olha para cima
e assim o doce par o quarto aclára e anima,
onde a familia pouosa.

Goyaz, Junho de 1885.



A LOIRA

Perola fina de amor,
em ti poz a natureza
o quanto achou de belleza
nas obras do Creador.

Fez tuas faces mimosas
com grande zelo e cuidado
— um *bouquet* bem acabado
de acacias, jasmins e rosas.

Rasgou do cerúleo véo
uma tira azul vivace;
e collocou-te na face
dois pedacinhos do céo.

Tomou ao sol, quando assoma
os raios d'oiro mais bellos,
com elles dos teus cabellos,
compoz a doirada coma.

Ao burity sertanejo
colheu a graça e esvelteza,
donairoso gentileza
que em teu lindo porte eu vejo

E depois roubou á Aurora
esse tão casto sorriso,
— reflexo do paraizo —
que em tua boquinha móra.

Oh! embalsama-se a brisa
quando te abraça e te beija,
por teus cabellos adeja
e por teus labios deslisa.

A rosa, — mãe do perfume,
e da belleza, descora,
quando de ti se enamora,
e é toda inveja e ciume.

Ai!... não sei o que eu seria,
si um só olhar tu me desses;
si esses olhos me volvesses
amorosos algum dia!...

VI/85 vi o original

MADRUGADA GOYANA

Ergui-me. A noite inteira eu bem passado havia
em um somno de paz e sonhos sorridentes.

A' corneta do *vinte*, em notas estridentes,
o clarím do *esquadrão* ao longe respondia.

O altivo *canta-gallo*, ao norte, a calva erguia;
ao sul da *serra d'ouro* os alcantis luzentes;
e, envolta em *cache-nez* de rosas esplendentes,
por sobre o *Dom Francisco* a madrugada ria.

Da janella suspendo as tampas corrediças,
que do *Capharnaum*, que habito, olham p'ra rua,
por gozar d'alvorada as limpidas premissas.

Por lá em roda viva o povo tumultua...
Não é a natureza o que sobre elle actúa :
— comprava carne fresca e farejava missas.



LAURA

Porque, Laura, os teus olhares,
á hora do sol poente,
mergulham tão tristemente
na profundezza dos ares?

Porque de pranto aljofrares
o negro cilio luzente
e da lagrima dolente
o seio ancioso orvalhares?

Na amplidão azul perdida,
tua alma aligera vóa
e uma outra vida entrevê?

Qualquer lembrança dorida
teu seio acaso magôa?
Porque és tão triste?... porque?



APÓS UMA QUEDA

Senhora, em meio da rua,
De um fresco colchão de lama,
Fiz hontem maça cama.
— E foi só por culpa sua.
Sim — pois que eu a acompanhava
E só á senhora via —
Não vi bem onde pisava
Emquanto de mim se ria,
Eu bemdizia o revez :
Cahiria ainda uma vez,
E mil vezes cahiria,
Cahindo sempre a seus pés.

S. J. del Rey 1884 vivo original



EIL-O PROSTRADO!...

(ULTIMA POESIA)

Armas em funeral! silencio, oh! bravos!
 JOSÉ BONIFACIO.

Eil-o prostrado... inane!
 Estanque a fonte augusta da eloquencia,
 E exausto aquelle olhar! Ai! que lhe empane
 Algida morte a divinal essencia!
 E o seu brilhante cerebro colosso
 Oh! já se nivelou no horrído fosso
 Aos vermes da existencia.

Eil-o prostrado... frio!
 Rôto, lá dentro, flacido, desfeito,
 Já não fervilha no alentado peito
 O leonino coração bravio!
 Oh! esse coração, que na tormenta
 Da patria as esperanças ergue e alenta,
 Murchou... está vasio!

Eil-o prostrado... morto,
 Bravos da liberdade, o vosso guia!
 Armas em funeral, Democracia!

Silencio, ó bravos, que heis mister conforto!
A voz do chefe audaz já não retumba...
Fundiu-se no silencio de uma tumba
Ante o exercito absorto!

Eil-o prostrado... mudo!
O' sol! ó céo, estrellas scintillantes,
Rosas da aurora, brisas sussurrantes,
Aonde o vosso bardo?... e, ó mar sanhudo,
A lyra forte, igual aos teus bramidos,
Feita em pedaços rôtos, esparzidos
Sobre uma campa... eis tudo!

Eil-o prostrado! oh! não!
Que não morre o immortal. Da harpa divina
Soluça o écho a nota peregrina...
E José Bonifacio, da amplidão,
Ha de vêr que esta raça brasileira
Vai fazer de seu nome uma bandeira
Contra toda escravidão.



INDICE

	PAGE.
A vida humana	7
A D. Joaquim, bispo de Goyaz.	9
Hymno	11
A D. Joaquim de Azevedo Maia	13
Rosario.	15
Presagio	17
Tres de Abril	18
Acrostico.	20
No teu natalicio	21
Só	23
Hymno abolicionista.	25
Hymno	27
Ao revm. bispo D. Joaquim de Azevedo	28
Saudade e lembrança	29
O relógio da casa	31
No lago	34
Agosto	36
Sara Odonor	37
(Heine).	42

	PAGS.
Saudades	45
Os sexagenarios.	47
A esphinge	48
A minha mãe.	51
O meu violão.	52
O goyano da gemma	53
O velho candieiro de latão	54
A loira.	57
Madrugada goyana	59
Laura	60
Após uma queda	61
Eil-o prostrado!...	62



- Victor Hugo -

Enora, curta tua fronte, Humanidade, e choro...

Christo morto de novo. Bem prante e soluços
O mundo, sobre um campo, attonito, de broncos e,
Perquinte ao Ser dos Seres: "Que nos resta agora?"

"Christo no Calvario, tu mataste, eubora

"Vinte seculos depois o grande Hugo mandaste...

"Mas, para me tas cedo a ti o vindicaste,

"Deixando eu orphandade um mundo, que te adora?"

O orbe assim falou. Responde-lhe o infinito:

"Ai misero, nem vedes a grandez e immense

"Do ser, que do teu ser agora ste proscrito.

"Probalha, lute a uma Humanidade, e pensa!

"Iste foi o seu mote e inabalavel Crucia!

"Pois em prante o escutar os ouvidos seu frito.

- Somb. - U m b r a -

A' Sombra de um jatobá... recordaste, ellaria?
Os zephiro boiucaram na rama gem deusa,
e na Confirma, em torvos, deslumbrante e intensa,
a luz do sol de ellas espeduere e ri e...

bravos alli s'os... Antigo a s'os me-ria,
ebrio de amor e ebrio de ventura immensa
da victoria alcançada a' tua indifferença...
Permutaste-he, tremulo, si ainda se te guerra?

Resposta - um longo beijo!... e no futo e enleio
das delicias de ouvir, pre as labistas hebra,
um atrevido raio, posto de permieis,

Cocdo entre a falhagem, pre se for a um fito,
banhe em ondas de luz ten lido rato cozeis!
- Com iure de mim esterc o sol, obeltra!

Rabecomania -

Não me digas, por Deus, que sou má o rabecquista!

Chamem-me, si quiserem, de asno ou de Casimiro,
de insano pensador ou de poeta burro,
de rasteiro, intragard, pitrojanalista.

Não apuro a passar por fraude guitarrista...
- Umos Chechos Modinos, na guitarra eufónio.
Na lyra não passei de mestre de eschuro...
Mas não me digas, por Deus, que sou má o rabecquista.

Uinha ismã, que é visinha, de um c'z me disse
que chamava á policia o arco endiabrado
à termo de bem viver... Já se ria p'to bice?

O outro visinho, - João - sujeito apaleado,
mundou-se de rã... Ao saber desta estranha,
que si febro a rabeca ia voutor do malcrado.

Gambias -

Intenho visto, euidias de enxurda,
climinas repolhudas e senhores,
elost rando formas grossas, seductoras,
sob as raudas de raia desunidade...

Já vi, por entre grades de recada,
clulheras, deslumbrantes, tentadoras,
Na triste posição das peccadoras,
elost rando roca e forma, her tallada!

Andam bando de formas pelas ruas
Bojadas, grossas, magras e Canias,
Algumas encobertas e outras nus...

ellas, palerres, apesar dos seus feitiços
Não podes melhorar a sorte istas =
Dão de por toda a vida dous chouriços!

A' minha Namorada -

Vou fazer um soneto à minha amante,
capricho, que me dá afros, e vaidades,
toda cheia de desejos e de enfados
e de todo caprichos e mas constante -

Tanto, tanto me faz que um só instante
me não deixa passar sem seus afados,
põe-me feio aos desejos desrefrados
e obrigou-me por força - vigilante

Com amor e puro platonismo,

no organo, no seu - meu organo,

que assim me lero, assis, ella me ensêba,
Pois ella me a se, oh meu bem, dona P. é b.!

Seul —

Parvenu au sommet de la montagne aride,
Je m'arrêtai soudain.

Là bas, dans le lointain,
Le soleil se couchait. L'œil plongeant dans le vide,
Je m'assis sur le bord du chemin,
Tout seul, face au destin.

Alors, je regardai derrière et devant moi
Les larges horizons,
Les vallées et les monts,
Et les cieux empourprés, et les champs et les bois.
Dans l'air reconnaît le refrain:
Tout seul ! C'est ton destin.

J'ai fait du regard la route parcourue,
Sans compter les écueils,
Ni les joies, ni les deuils.

Dans les fossés, le sentier court à perte de vue,
Où j'ai marché le front serin,
Tout seul, vers le destin.

D'arrière sont les joies, la vie, la fleur, l'arome,
Et l'amour, doux et fort
Des beaux jours, en ~~ce~~ ^{ce} ~~ce~~.

Devant c'est l'inconnu, le doute et les fantômes,
Et je voudrais, ô désir vain !
Tout seul, fuir le destin.

Oh non ! Devant la triste et rapide descente,
Je redresse le front.

Et puis, sans un frisson,
J'avance d'un pas ferme, j'avance sur la pente,
Glissant vers le néant certain.
Tout seul, c'est mon destin !

adopté par M. Joseph 1923

- Laure -

Dis-moi, Laure, pourqu'oi tes yeux,
A l'heure du soleil couchant,
Contemplant-ils si tristement
Le globe pourpre au fond des cieux -

Pourqu'oi des pleurs silencieux
Faut briller ton regard charmant;
Pourqu'oi dans un soupir dolent
S'exhale ton cœur anxieux.

Ton âme errant dans l'empyrée
Y découvre-t-elle, aperçue,
Un avenir rempli d'effroi ?

Où bien, grand je t'entends gémir
Est-ce qu'un triste Surenne
A surgi du passé ? ... Dis-moi !

- Adopted by M Joseph -

Published in the University College Magazine
June 1824

Seul -

Maduca - Porfroi - Henry - (1915)

J'avais de la montagne atteint la haute cime
Tout à-coup à mes yeux s'ouvrit un grand abîme :

l'abîme du destin -

Je m'arrêtai soudain. Au loin monroit le jour.

Je me pris à songer, seul assis au détour,
Seul au bord du chemin -

Je portai mes regards en avant, en arrière
Et je vis le sentier et la longue Paroïse,
Dont je suivis le cours.

Les larges horizons d'or, d'azur et pourpres
Toi seul, me disaient-ils, au leur air ^{tristes},
Toi seul et pour toujours !

Allevant d'un coup d'œil le chemin parcouru,
Sans compter les écueils pas, seul, j'avais vaincu,
Je me pris à rêver.

Je vis au loin, bien loin, serpenteant dans la plaine
Le sentier escarpé, ou joyeux et sans peine
Seul, j'avais dû marcher.

Darrièr' était le pré et l'arome et la fleur,
L'idéal, la beauté, l'amour et le bonheur
De la douce jeunesse.

Devant, c'était le vis-à-vis avec son lendemain,
Le doute et l'inconnu, l'avenir incertain
Qui restait sans cesse.

En avant, à mes yeux, rapide est la descente
Le temps irrésistible et le mort imminent
Et le destin cruel

Encore un pas de plus et rogné de mes jours
Fini la longue chaîne, seul j'irai pour toujours
Au désert et au néant -

A Velhice inconsciente (1885)

Já por ahí me vêm os máos bell, brancos,
inimigos do amor, do riso e do folgance,
a brada rem-me, ai! Resiata ogui sprang ca
Os portidos Máraus, patifs, e a timbomem!
euholde me rebello an rem Quell hy fraven,
Seu me mandau volver dos pugas, á bonança,
por já não sou de dar-fual fualpa militonca-
nas reptos de Cupido intrapi dos a rraucen.
Mas non teimbas, e teimo: á faveimil belleze,
a force de homengus, me foni beupristo,
embora sophis mando as ceisda Naturage.
Acho uma jovem bella... (bella, isto está visto!)
e don-lha prôves, nile da minha sentiliza.
Bella me rrazundee, mulepida: Sois Christo! 5,
1885

- Noite -

Vente foyoz ainda foyoz
de algum pequeno concito;
para não ser juiz torto,
diz-se de o ser de direito.

- Foyoz -

Um dia te foi um Anta
destroada em presidente,
que (não é brica que se conta),
julgar-me quis presidente.
Para o servir como o diz,
me mem-me me me juiz;
mas em rapina di-lla em rima,
~~Vente foyoz ainda foyoz.~~

Queria ser um
por morte que em nome foyoz,
que de certo alguma stima,
Vente foyoz ainda foyoz -
Queria ser um desacato
por elle em foyoz, o bruto!...
pronunciado o torpato,
qual se em foyoz algum motu.
Com instrumento de arrouba
sopri-lla buzina á tromba;
e, com me firme, na lica
julguei como ex direito =
fiz-me em d'or em justiça
d'algum pequeno concito.
Fui demittido, ora bolas!
á pedido, sem pedido,
mas me eu che as cacaróles,
o ser de um Anta r'acido.
É melhor, sim, com corteza,
bever-se em inteiriza
em grande bô a fama.
Sem por isso he desconferto.
Tudo de meu meza e Camá
para não ser juiz torto.

quiz torto era o por Certo,
si me auro dase as empunhos:
si em ^{auto} mettone o exerto
de intuitos máos e formuhoz.
Luu me enfone, por isso,
em barbocados no rics.
De honraas Teuho fumaas;
e por máo estar atito
a por juiz de trapaaas
deixei de o Sr de direito
Foyy-1860?

- A ~~Receita~~ -

Porto muito de ti, Yôgi, não nego,
mas fico triste, às vezes, quando digo
que há muito, se sonha dias felizes,

Como diabo de Silva... mas não pego
com franqueza, de igreja em arruamego,
nada de pedra, altar, sobrepelizes,
para o diabo as Capellas e os Matizes,
onde juram fazer de amor um preço.

O tal Conjugo - volis, não me toa;

Eu cá já quero viver em liberdade,
amou e se amou de por vontade.

Si amou e se amou é bôra e bôra,
amou e se amou - mau faz?... Moralidade,
e origam se vê... mau é bôra -
! ris alguma

- Diálogo -

A Solteira:

Pois eu não hei de casar-me?

Ficar sempre rapariga?

Sempre solteira, Solteirama?

Fortemente, grande rapiga!

A Casada:

Mas não, estás enganada,

Eu, que me casei, que o diga:

Aquella que é casada,

Essa é que leva rapiga!

! ris alguma

Só por uns beijos!

Levantava na rede dormitando
Tranquillamente. Bem baixo, e chinellas,
(Diz minha de velhas), os pés anois bellos,
Que eu já pude i deo - mareu so tundo -
Fui-me chegando a furto, a mãos e brando.
Fui-me chegando por da perto vel-o,
Mas, tal foi a impulsão dos meus antellos,
Que uma chuva de beijos fui-lhe dando -
E nisto a fada - subito desperta
Da languida mollicie somnoleuta...
Nos muros, minha cabeça proude e aperta
Cum rija força, e arde va violenta;
E, da barra da saiz nuda entre-aborta
Veio-me um audaz pinto-pé na venta!
mãe publico - 31-VII-1886

A Clubista (Petite e Coryon)

Dirias, logo se vê-a, um'entre Ophelia:
Cobelliva Costanha, borta, em onda;
olha por ora em pet'los de Pamela,
olha, pre luz, Lampião, escuta a Donda.
A mãe, delgado e fina; o porte airono;
o gesto-activo e nobre; a voz-um hymno;
e o piar, tão gentil e doceiroso,
que trae pé de ro, roses, pefueiroso -

Quando avista-a, com nigo var bigudo =

"mãe sei como hevi seu cheiroito
à tanta graça e encanto, elle puzendo,
fritadeira, tomara-se Cobalista 55

Como netimô traco - elle, vivendo
entre em erradory, é Clubista -

mãe pub: 31/VII/86

Os Espelhos

Um pranto reclinado, e blanda vislumbre...
... Os meus vovos, talvez - a um canto recostado
Contemplo vos busto, alli multiplicado
na espelha ovale, que pendem das paredes
Um um - de penteado e delicado, de des;
nossos - a nuca mimosa, o hombro setimado;
alem - segura ao braco nivas e torneado,
Vos tambem curvado a pagina e pe vades.
Mas, quando accada a fronte, o livro chande nado
deixar, pois o e min ovos o lha divino,
- esse o lhor meigo e bom, quanto um Aurora a pri,
na chama desse o lhor minto' alme' de n' gullen do
Cuida estar vendo, em outro espello crystallino,
Voi' alma celartie e inteira reflectir - se -
Publico em 1886

Beija-flor de iriadas cores,
Peguemino colibri,
Empuntes beijos as flores,
Luz me em meo de ti.

Vestis o verde dos Campos,
E dos montes e nebulas,
E dos raios dos pyrampes
Dirrando-te as penas, escuras -
Nos azules vaporosas
Vas rolit mas entre as flores,
Coras jazminis, ora as rosas -
E as flores abrem seus seios
Ao teu seraphico etago

Como, em pudicos auncios,
A estrella recebe o lago -
Vae-te colibri peguemino,
Entre as flores vaeijando
E de pollou saccharino
O doce me deo profundo -
De que nutro? De amoras,
De amor, de luz e de amor -
Orisso vivos nos honras
Do amorado em feio.
Dão-te os Corollos a vida,
A vida expande no ar
E a luz tremula, sorrida,
Do teu voo a tremular.

O amor? - Dos filhos no encanto!
Que beuira em bora aquelles!
Tu os amas tanto... atanto,
Que morro, si morrem elles!
Nao receio a tormenta?
Nao temo o caccador?

Es profissal, aperte de mto.
Luz e amor, o sucesso?
Ai! aproxima-te a cota
Ai, beija-flor em continho -
Vem sei sei, levoleta

Quai os meus pensamentos -
Vae beija-flor dos amores,

Entre as flores vultejando;
Empunha beija as flores,
Minha alma te ve beijando.

IX 86 (Publico - vol. + +)

A 18 de julho de 84, oficinal do
no Corpo de juiz de direito, Com lousas
de esmaltado, parte de S. João
d'el Rey por 50003-
estudo de voltar a minha residência
natural, venho, por isso, despedir-me
da excelente e culta população da
bellissima hospitalidade de S. João
d'el Rey, e manifestar minha
gratidão pelo seu acolhimento
que lhe mereci - Rio 15 de julho de 1884
publicado no "Folha Mineira" de
18-VII-84-

